

## MONTE MOZINHO: CERÂMICA CINZENTA FINA

*Teresa Soeiro*

As escavações realizadas no povoado e necrópole de Monte Mozinho (Penafiel) de 1974 a 1979<sup>1)</sup> permitiram a recolha de cerca de meio milhar de fragmentos cerâmicos cujas características facilmente os diferenciavam do restante espólio e os puseram em relação com idênticos materiais aparecidos por todo o Noroeste português, e mesmo fora desta região.

Agrupamos este conjunto sob o título de cerâmica cinzenta fina, já utilizado em Conimbriga<sup>(2)</sup>, que, além de estar perfeitamente adaptado ao material em estudo, evita a multiplicação de designações para cerâmicas idênticas.

A cerâmica cinzenta fina está presente em quase todos os museus do Noroeste, e as notícias sobre o seu achado em escavações (são constantes. Esta situação não obstou a que ficasse esquecida e nunca tivesse sido tentada uma sistematização. A maior dificuldade não reside no estudo formal, já que os modelos são poucos, o mesmo acontecendo com as decorações, mas sobretudo num correcto enquadramento cronológico-cultural. A falta de escavações estratigráficas e recolha de conjuntos sepulcrais só nos últimos anos foi compensada, podendo hoje várias estações fornecer informação satisfatória sobre este material<sup>(3)</sup>. É neste contexto que pensamos ser útil a divulgação da cerâmica cinzenta de Mozinho.

\*  
\*   \*  
\*

As escavações de Monte Mozinho deram a conhecer vários momentos de ocupação do povoado, dentre os quais aqui nos interessam os das épocas Júlio-Claudia e Flávia.

A primeira, cuja área escavada é sempre menor e pior conservada que a da segunda, corresponde basicamente o isector a, <sup>(4)</sup>, a sudeste da entrada e da Avenida, pequena parte do sector d <sup>(5)</sup>, a sudeste da entrada da muralha superior, e alguns estratos fundos dos sectores A <sup>(6)</sup> e c <sup>(7)</sup> onde a reforma flávia levantou novas construções. No exterior, níveis

---

<sup>1)</sup> Agradecemos aos directores da escavação e do Museu Municipal de Penafiel, do Museu de Etnografia do Porto, Museu Martins Sarmiento, Museu de Santo Tirso e Museu de Antropologia do Porto a possibilidade de estudar espólio sob sua guarda.

<sup>(2)</sup> Jorge de Alarcão, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974, págs. 58 e segs., 87 e segs.; ou *Fouilles de Conimbriga V*, Paris 1975.

<sup>(3)</sup> Um estudo de conjunto sobre estas cerâmicas está a ser preparado por Lino Dias.

<sup>(4)</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho II 1975-1976*, Penafiel 1977 págs. 25 e segs.. Grande parte deste sector está inédito.

<sup>(5)</sup> Idem, págs. 26 e segs..

<sup>(6)</sup> Idem, págs. 10 e segs..

<sup>(7)</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *O templo do Mozinho e seu conjunto*, Portugália, nova série, I, Porto 1980 págs. 51 e segs..

## PORTUGALIA

em torno do Monumento (<sup>8</sup>), e deste até às muralhas (sector B) (<sup>9</sup>), são desta mesma época. Numa rápida visão de conjunto podemos caracterizar a época pela existência exclusiva de casas circulares, muitas delas com vestíbulo, cujas paredes se apresentam por vezes rebocadas e pintadas. Como espólio temos cerâmica da idade do ferro, preponderantemente feita à roda, acompanhada por sigillata itálica, sudgalica, lucernais, fibulas e alfinetes, moedas de Augusto, Tibério, etc. Dentro do sector a pudemos isolar um estrato da época de Tibério-Calígula.

Os níveis flávios de Mozinho já foram apresentados nos relatórios publicados (<sup>10</sup>).

Dentre os milhares de fragmentos recolhidos nestes trabalhos, encontramos cerca de quinhentos de cerâmica cinzenta fina que se distribuem por toda a área escavada, em vários estratos. Agrupamos no quadro seguinte trezentos e sessenta e seis cuja caracterização nos foi possível.

### I *Cerâmica cinzenta fina.*

A larga maioria da cerâmica cinzenta fina de Monte Mozinho foi incluída neste grupo. Não podemos dizer que todos os vasos utilizem a mesma pasta ou tenham origem num único centro produtor.

Veremos como algum destes aspectos vão variando, não sabemos se apenas devido a terem sido fabricados durante várias gerações, ou se essa variação tem a ver com mudanças na origem e na quantidade/qualidade da produção.

No Noroeste peninsular, área toda ela coberta por achados de cerâmica cinzenta, podem distinguir-se vários fabricos apenas com uma macro observação. Escolhemos para exemplificação quatro casos que pensamos sincrónicos a Mozinho, tornando assim a aproximação mais significativa. O primeiro, bastante próximo, é o Castro do Padrão O<sup>11</sup>) cuja estratigrafia não foi publicada mas de onde temos a informação de que toda a cerâmica cinzenta apareceu acima dos pisos das construções quadrangulares, acompanhada por espólio datável do último quartel do séc. I d. C. É um povoado cuja arquitectura denuncia grande influência romana, o que condiz com os achados. Aí, os púcaros e os copos (Est. X) têm o mesmo perfil e decoração dos de Mozinho flávio, com fabricos muito idênticos mas já se destacando algumas peças, especialmente o copo 8, por um aspecto geral diferente.

Afastando-nos para Norte, vamos encontrar no Museu Martins Sarmiento quatro fragmentos de vasos provenientes de Briteiros (Est. XI). Não podemos garantir cronologia para este material já que o povoado foi ocupado desde época indefinida da Idade do Ferro até à Idade Média, sem que a maioria das escavações tenha tido em atenção a estratigrafia. É no entanto curioso ver como se repetem perfis e decorações do Mozinho Júlio-Cláudio, sem deixar de mostrar simultaneamente diferenças. Neste caso parece estarmos perante outro centro produtor que cuidava menos as suas obras, executando-as numa pasta que deixava ver os grãos de densengordurante cujo calibre impedia o bom alisa-

---

is) Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho*, Penafiel 1974 pág. 9 e segs..

(<sup>9</sup>) Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho II 1975-1976*, Penafiel 1977, pág. 8 e segs..

(<sup>10</sup>) Trabalhos citados nas notas anteriores.

(<sup>11</sup>) Carlos Manuel Faya Santarém, *O Castro do Monte do Padrão*, Concelho de Santo Tirso, Boletim Cultural I Santo Tirso 1951-52 pág. 49 e segs. II Santo Tirso 1953-54 pág. 397 e segs.

## CERÂMICA CINZENTA FINA DE MONTE MÓZINHO

I grupo 1. púcaros grandes	Elemento representado	Flávios	Cláudio/Nero	Tibério/Calígula	
	Perfil		2	1	
	Bordo	—	2	—	
	Fundo	1	4	1	
	Asa bilobada fita	—	2	2	
		—	2	2	
	fragmentos	2	15	6	
2. copos 3. púcaros 4. potes	Perfil liso decorado	2	2	—	
		5	1	—	
	Bordo liso decorado	4	5	9	
		53	20		
	Fundo baixo liso com sulcro alto liso com sulcro	4	8	6	
		2	2	—	
		7	1	—	
		22	—	—	
	Asa elíptica circular pequena fita fita com caneluras bilobada	35	7	—	
		1	2	—	
		2	2	—	
		2		—	
		—	1	1	
	Colo e pança lisos de linha <sup>paralelas</sup>	2	4	4	
		36	20	3	
		paralelas mebradas	30	3	—
		paralelas	1	2	—
		meandro meandro	—	1	2
	II grupo	fragmentos aparentados às <b>formas de paredes finas</b>	10	—	—

mento ou polimento das superfícies. É também de salientar o modelo de bordo côncavo com canelura exterior, característica que não encontramos noutras estações, assim como a identidade de perfil do vaso grande com o pequeno. (Est. XI 1 e 3).

Mais para o Norte, o Museu de Lugo recolhe, provenientes da cidade e província, vasos de diferentes fabricos, uns muito parecidos com os de Mozinho e outros grosseiros e com acabamentos pouco cuidados.

Já para lá das fronteiras do Noroeste, os povoados das minas de ouro de Leon deram uma colecção de vasos de beber ou conter líquidos, em cerâmica cinzenta que os autores datam da última parte do séc. I d. C. assegurando não aparecer nos estratos augustos<sup>(12)</sup>. A descrição e as ilustrações mostram as possibilidades de comparação.

Se os povoados a norte do Douro onde esta cerâmica foi encontrada são múltiplos, (Guifões, Alvarelos, Martim Vaz, Sanfins, Mozinho, Freixo, Faria, Facha, Braga, Picoto de Santo Amaro, S. Torcato, Briteiros, Ancora, etc. as necrópoles não são menos numerosas. Castelo da Maia, Várzea do Douro, Freixo, Fraga e Feira Nova no Marco de Canaveses, Mozinho, Canelas, Duas Igrejas e Marecos em Penafiel, Bouçós e outras em Paços de Ferreira, Vila do Conde, Longos e Abação em Guimarães, Braga, são outros tantos locais que deram cerâmica cinzenta em enterramentos na sua maior parte sem cronologia definida mas que certamente se prolongam até época tardia.

Incluimos neste artigo as necrópoles próximas a Mozinho por nos fornecerem vasos semelhantes aos deste povoado acrescentando-lhes uma nova variante de púcaro (Est. IX 1) e um copo liso completo (Est. IX 2). Um vaso de necrópole de Marecos (Est. IX 4) mostra sobre a parte baixa da pança duas inscrições grafitadas, caso que não é inédito visto existir outra da necrópole de Fraga<sup>(13)</sup>. Grafitos podem ver-se também raspados nas superfícies de alguns fundos de Mozinho (Est. VI 6 e 7 e XII 6 e 7). Serão marcas de posse, que não se podem confundir com outras, as brunidas pelos oleiros nos fundos de vasos com a pasta ainda fresca (Est. IV 4. VI 5 e XII 2 e 3).

Nas necrópoles de Guimarães e em outras guardadas no Museu de Etnografia do Porto vemos exemplares lisos, inexistentes em Mozinho, incluídos aqui para ampliar as variantes com vasos que parecem sobretudo propícios para ofertas sepulcrais.

As formas apresentadas não são únicas na região. Falta-nos o púcaro da necrópole das Caxinas<sup>(14)</sup>, aliás parecido com o de Duas Igrejas (Est. IX 1). São vasos que levam à tentação de olhar outros grupos de cerâmica cinzenta peninsular desenvolvida nos últimos séculos antes do cambio da era<sup>(15)</sup>. A distância é para já um obstáculo, mas não sabemos se o espaço médio é de verdadeiro vazio ou de desconhecimento temporário<sup>(16)</sup>.

<sup>(12)</sup> Claude Domergue y Thierry Martin, *Minas de Oro Romanos de la provincia de Leon II. Huernã Excavaciones 1972-1973*, Madrid 1937 pág. 60 e segs., 79 e segs. e 126 e segs.

<sup>(13)</sup> Jorge de Alarcão, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra 1974 pág. 87 e 88.

<sup>(14)</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Necrópole galaico romana de Vila do Conde, sep.* Revista da Faculdade de Letras. Série História IV Porto 1973 pág. 15.

<sup>(15)</sup> Carmen Aranegui, *La cerâmica gris monocroma, Puntualizaciones sobre su estudio*, Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valência II, Valência 1975 pág. 333 te segs. e Manuel Fernandez Miranda, *Jarritas Ibéricas de tipo Ampuritano en las Islas Baleares. Cronología arqueología e tipología analítica*, Trabajos de Prehistoria 33 Madrid 1976 pág. 255 e segs.

<sup>(16)</sup> No próprio Mozinho apareceu na escavação de 1976 um fragmento pintado do tipo celtibero, garantindo que a distância não era instramponível.

Também os potinhos baixos de duas asas, como os de Guifões; e Vila do Conde estão ausentes, as formas de gargalo alto e estreito, os unguentários, etc

Todas estas limitações fazem com que Monte Mozinho não seja um catálogo de cerâmica cinzenta do Noroeste, circunstância que não lhe retira a importância de fornecer uma amostragem seriada de razoável quantidade desse material, que passamos a apresentar.

1. Os grandes púcaros (Est. III e IV) que são um total de cerca de 9 % dos fragmentos achados, distribuem-se pelos estratos julio-claudios, com maior incidência nos mais avançados, e quase desaparecem na época flávia.

Estão fabricados em pasta de diferentes calibres dentro de uma boa qualidade, com superfícies amaciadas de um tom homogêneo cinzento escuro, rara presença de manchas, atingindo o negro quando polidas. A decoração, sobre a pança ou sobre o colo e pança, é brunida, compondo motivos variados a partir de segmentos de recta e meandro por vezes organizados em faixas horizontais delimitadas por leves toros e escôcias. As asas conhecidas, supomos que sempre duas em cada vaso, são bilobadas ou de fita, descrevendo uma curva à saída do bordo e lançando-se depois a direito até à pança. Para completar a forma faltam-nos fundos que liguem às paredes conservadas. Existem porém nestes estratos antigos alguns fundos de grandes vasos cujo fabrico em nada se distingue do das peças em estudo, pelo que nos parece lógica a relação. São fundos planos baixos, com leve reforço de onde arranca a parede arqueada (Est. IV 5 a 7).

— Grande púcaro com bojo globular, colo esvasado contracurvado terminado por bordo engrossado e boleado. Duas asas bilobadas saem do bordo para o meio da pança. A pasta é fina e cinzenta e a superfície negra bem alisada. Decoração brunida em listas verticais sobre o colo, seguida na pança de três faixas limitadas por toros leves, sendo a primeira lisa, a segunda preenchida por linhas oblíquas e a terceira por uma espinha (Est. III-1).

— Grande púcaro com bojo globular, colo esvasado recto, formando aresta. Bordo em amêndoa para o interior, duas asas de fita lançadas de baixo do bordo para a pança. Pasta fina, superfícies acinzentadas escuras, homogêneas. Decoração sobre a alta pança com espinha tripla, seguida de linha em meandro. Um risco termina a área decorada (Est. III 2))

— Grande púcaro com bojo globular, bordo esvasado com aresta, levemente arqueado, lábio boleado. Duas asas de fita partem de baixo do bordo para a pança. Decoração brunida de espinha, seguida de meandro horizontal (Est. IV 1).

Os restantes fragmentos em nada modificam os dados fornecidos pelos exemplares apresentados, sendo difícil reconhecer integralmente o padrão decorativo que mostram. Não há na área conservada novos elementos simples.

2. Os copos, que no quadro anterior se contabilizam juntamente com os púcaros, são vasos pequenos de perfil em S, sem asas, lisos ou decorados. É extremamente difícil garantir que um vaso não tenha ao menos uma asa, porque a falta de pequena parte do bordo e bojo já no Io impede. Sugerimos porém que sejam forma sem asas o copo liso encontrado em estrato flávio antigo, ilustrado na estampa V 2, e outro de excelente pasta e acabamento decorado com meandro sobre o alto bojo. Este último é de estrato claudio antigo (Est. IV 2).

— Copo de perfil em S, com toro facetado a assinalar a passagem do colo à pança. Pasta fina, cozedura-homogénea, superfícies cinzentas escuras bem alisadas. Decorado no alto do bojo por um meandro brunido sobre faixa mal alisada, portanto baça (Est. IV 2).

— copo de perfil em S, com lábio boleado e toro a marcar a passagem do colo à pança. Pasta apurada, cozedura homogénea, superfície lisa, quase negra (Est V 2).

De outros fragmentos que podem ser de copos, e das decorações que apresentam, falaremos ao referir os púcaros, não deixando de salientar que no quadro apresentado a proporção de asas em relação com bordos e fundos é menor nos estratos julio-claudios, situação que talvez indique a existência de maior quantidade de copos.

3. Púcaros, tamanho pequeno ou médio, de perfil em S, decorados e com uma asa são a forma mais vulgar da cerâmica cinzenta fina. O Mozinho sugere que algumas variações formais e de decoração podem ter valor cronológico.

Encontramos no estrato mais antigo uma preferência pelos vasos lisos (Est. IV 3), com fundos planos baixos (Est. IV 4). A pança, quando decorada apresenta meandros brunidos ou, juntamente com o colo, linhas paralelas.

Na época claudia, quando a quantidade destes vasos já supera a dos grandes púcaros, a tendência é para vasos decorados com linhas paralelas, que podem ser equidistantes ou deixar zonas lisas entre elas (Est. VI 2). É muito raro vermos sobre o colo linhas quebradas. Os fundos são na sua maior parte baixos e planos embora se encontrem já alguns baixos e com sulcro (Est. VI 6). As asas tem secção elíptica, arrancando do bordo para a pança.

O último passo bem documentado no Mozinho, em período flávio, é a opção quase total pelos púcaros decorados, com linhas quebradas sobre o colo seguidas de linhas oblíquas sobre a pança (Est. VI 1) ou com paralelas verticais e oblíquas em ambos (Est. V 3 e VI 2). A frequência das decorações é idêntica. Os fundos mais representados são os de modelo alto (Est VI 8), comum a outras cerâmicas contemporâneas. As asas são iguais às anteriores (Est. VI 13) e só em casos excepcionais têm caneluras (Est. VI 12).

Também as pastas e acabamentos vão variando, com tendência a tornarem-se mais grosseiros, com cozeduras que deixam a superfície manchada em tons do cinza ao negro. A superfície destas pastas é mais porosa e áspera, pouco alisada, apresenta a decoração brunida, em alguns casos, imperceptível.

— Fragmento de vaso de perfil em S com lábio boleado e toro assinalando a passagem do colo à pança. Pasta fina, cozedura homogénea, superfícies polidas cinzentas escuras (Est. IV 3).

— Fundo de pequeno vaso, baixo e plano, de onde arranca uma parede arqueada. Boa pasta e cozedura, superfície interna beije e externa negra polida com marca brunida no exterior do fundo (Est. IV 4).

— Púcaro de perfil em S com lábio boleado, toro marcando a ligação colo/pança e duas caneluras sobre a pança a rematar a decoração. Asa de secção elíptica, partindo do bordo para a pança. Pasta de boa qualidade, com manchas beges da cozedura. Superfície bem alisada, decorada por linhas verticais brunidas, que no colo se aproximam deixando espaços lisos. Na pança são sensivelmente equidistantes (Est. VI 2).

— Fundo de pequeno vaso, baixo e com sulcro leve no exterior. Pasta cinzento-acastanhada clara, homogénea. Grafito em D riscado com ponta fina no exterior do fundo, depois de cozido (Est. VI 6).

— Bordo de púcaro (?), colo muito arqueado, esvasado, lábio engrossado, virado para o exterior. Um ressalto marca a passagem à pança. Pasta de pouca qualidade, porosa, num tom cinzento-acastanhado. Está decorado com linhas verticais brunidas sobre o colo (Est. VI 3).

— Púcaro de perfil em S, lábio boleado e um toro a assinalar a ligação colo/pança. Vestígios de ter tido uma asa. Pasta acastanhada, superfícies sem brilho. Decoração brunida com listas sobre o colo e grupos de linhas verticais e oblíquas na pança. Por debaixo da asa a decoração interrompe-se (Est. V 3).

— Púcaro de perfil em S, com lábio boleado, um toro marca o início da pança e uma canelura o fim da decoração. Asa de secção elíptica, arrancando do bordo. Pasta fina, paredes cinzentas com manchas, alisadas mas sem brilho. Decoração brunida de linhas quebradas sobre o colo e oblíquas sobre a pança (Est. VI 1).

— Fundo pequeno, levemente côncavo na base e alto na sua ligação à parede do vaso. Pasta cinzenta alisada (Est. VI 9).

— Fundo alto com sulco na base, levemente côncavo. Superfície cinzenta com manchas, alisada (Est. VI 8).

— Asa de secção elíptica, arranca do bordo. Pasta fina cinzenta (Est. VI 13).

— Asa de fita, idêntica (Est. VI 11).

— Asa de fita, pasta cinzenta clara fina, alisada, com duas caneluras no dorso (Est. VI 12).

Três púcaros de perfil quase completo aparecem nas necrópoles de Mozinho, que deram a conhecer grande quantidade de vasos, infelizmente nem todos recolhidos por conjuntos. O maior número de achados foi ocasional, registado por José de Pinho<sup>(17)</sup>. Aconteceu na vertente noroeste do povoado, perto de um caminho, e tem espólio desde finais do séc. I d. C. Daí provêm dois dos púcaros. Em 1975, acompanhando os trabalhos na parte alta do monte, foram exumados três enterramentos, um dos quais, a sepultura 2, era um covacho onde se tinham depositado as vasilhas e as cinzas, datável dos finais do séc. I d. C. Nela se recolheu um púcaro de cerâmica cinzenta<sup>(18)</sup>.

— Púcaro de perfil em S, com lábio boleado, toro marcando o início da pança, e canelura no fim da decoração. Sobre a pança vê-se o arranque de uma asa. O fundo é alto e ligeiramente côncavo. A pasta é esbranquiçada, as superfícies manchadas e alisadas com pouco cuidado. Decoração leve, brunida, muito negra, apresentando linhas quebradas sobre o colo e oblíquas nos ombros (Est. VII 1)<sup>(19)</sup>.

— Púcaro de perfil em S, com toro a seguir ao lábio, outros dois entre o colo e a pança, um toro e uma canelura a rematar a decoração. Vestígios de uma asa, fundo alto, plano e liso. Pasta cinzenta clara, com as superfícies muito desgastadas. Decoração brunida, apagada, de linhas quebradas sobre o colo e oblíquas na pança (Est. VII 2).

— Púcaro de perfil em S, com toro entre o colo e a pança e canelura a rematar a decoração. Asa avança do bordo para a pança, e o fundo é alto e levemente côncavo. Pasta fina acinzentada, superfícies manchadas, gastas, Decoração de linhas quebradas sobre o colo e oblíquas nos ombros (Est. VII 3).

De outra necropole de Oldrões recolheu Monteiro de Aguiar<sup>(20)</sup> um púcaro com duas faixas de decoração em meandro e asa em D. Era de boa pasta, bem alisada mas com manchas de cozedura (Est. VIII 1).

4. Chamaremos pote a vasos de maiores dimensões que não sabemos se tinham asas (Est. V 1). Nos casos conservados, os vasos são deco-

<sup>(17)</sup> José de Pinho, *A necropole galaico romana do Mósiriho*, Penha Fidelis II, Penafiel 1931, pág. 26; Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho*, Penafiel 1974, pág. 5JL.

<sup>(18)</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho H 1975-1976*, Penafiel 1977, pág. 30.

<sup>(19)</sup> Museu Martins Sarmiento, armário D n.º 32.

<sup>(20)</sup> José de Pinho, cit. págs. 14-15.

rados. As dificuldades em separar fragmentos destes vasos dos de copos e púcaros de dimensões médias são evidentes, pelo que a contagem foi feita em conjunto. Os exemplares identificados são de níveis flávios.

— Pote de bojo ovóide, colo alto, arqueado e esvasado, com lábio engrossado virado para o exterior. Um toro assinala o fim do colo, outro o fim da primeira banda decorada e um terceiro remata a decoração. Pasta fina, superfície cinzenta, alisada, com decoração brunida de listas verticais sobre o colo seguida de linhas oblíquas sobre os ombros e de um meandro na parte mais baixa (Est. V 1).

— Pote de colo arqueado quase vertical e lábio engrossado virado para fora. Um toro marca o início do bojo. Pasta de qualidade média, superfície cinzenta escura, decorada com listas verticais no colo (Est. VI 4).

## II *Cerâmica cinzenta decorada com roleta (Est. XI).*

Deixamos para este grupo dez fragmentos (2 %) aparecidos em estratos flávios que se pela pasta e alguns acabamentos se aproximam da cerâmica cinzenta, no conjunto de formas e decorações estarão talvez mais ligados às *paredes finas*.

Dois são bordos de potinhos comparáveis aos números 606 e 607 de Conimbriga <sup>(21)</sup> ou a vários, outros da necrópole de Valdoca, aí datados na segundo metade do século I d. C. <sup>(22)</sup>. Os nossos exemplos não têm decoração, mas podemos supor que esta existiria na pança do vaso. Mesmo lisos o fabrico obrigaria a separá-los do primeiro grupo apresentado (Est XI 2).

Dos restantes oito fragmentos, todos de vasos diferentes, três (Est. XIV 4 e 7) apresentam um roletado fino sobre paredes bem alisadas, de cerâmica cinzenta muito fina, e outros três. (Est. XIV 5 e 6) também roletados, apresentam pastas algo mais grosseiras. Nenhum permite vislumbrar o perfil dos vasos a que pertenciam. Por último, em dois casos (Est. XIV 1 e 3) a reconstituição do vaso, que continua impossível, é ao menos sugerida pela possibilidade de colocar os fragmentos em perfil, obtendo-se formas aparentadas às paredes finas <sup>(23)</sup>.

— Potinho com bordo esvasado recto e ombros rectos convergentes, que formam aresta com o início da pança. Pasta cinzenta escura, muito fina e bem alisada (Est. V 6 e XIV 2).

— Potinho com bordo esvasado e ombros rectos convergentes. Pasta cinzenta clara muito fina e bem alisada (Est. V 7).

— Bordo de copo ou potinho, com uma faixa rebaixada seguida de pança arqueada. Pasta cinzenta clara fina, superfície interna bege e externa acinzentada escura alisada e coberta, sobre a pança, por um roletado fino (Est. V 4 e XIV 3).

— baixo bojo com canelura na parte inferior. Pasta mais grosseira, superfície externa acinzentada escura decorada com uma rede de losangos <sup>(24)</sup>. (Est. V 5 e XIV 1).

<sup>(21)</sup> Jorge de Alarcão, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra 1974, pág. 99.

<sup>(22)</sup> Jorge Alarcão e Adília Alarcão, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca*, (Aljustrel, ), Conimbriga V Coimbra 1966 pág. 11.

<sup>(23)</sup> Não sendo imitações exactas, e com a dificuldade de estarem muito fragmentados, estes vasos parecem-nos aparentados às formas XLIII ou XLIV e XXXVII ou XXXVIII, que aliás são desta época. Françoise Mayet, *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris 1975.

<sup>(24)</sup> Parece idêntico ao exemplar da estampa LXV 3 de Conimbriga. Jorge de Alarcão, *Cerâmica local e regional de Conimbriga*, Coimbra 1974.



A necropole de Oldrões <sup>(25)</sup> forneceu o exemplar mais completo deste grupo. É um vaso de pança ovóide elaborado em pasta cinzenta clara, com superfícies cinzentas claras manchadas. O fundo, alto, apresenta caneluras. Sobre a pança, entre caneluras, vemos uma decoração roletada em maior ou menor profundidade.

A existência de cerâmica cinzenta fina no Noroeste coloca de há muito problemas que continuam em aberto e, sabemos, não é este artigo que os pode ou tenta sequer solucionar. Esta certeza porém não impede que pensemos útil repor algumas questões sobre a existência destes materiais na região.

A primeira interrogação colocamo-la na origem destas cerâmicas. Não conhecemos no Noroeste português cerâmica cinzenta fina da Idade do Ferro que se possa comparar, em forma, decoração e sobretudo fabrico, às imperiais. Para os exemplares apontados em Conimbriga <sup>(26)</sup> como sendo de tradição antiga indicamos três paralelos dentre os quais apenas um merece especial consideração. São eles uma pequena taça guardada no Museu de Etnografia do Porto, de proveniência desconhecida (Est. I 1) e a parte média de um vaso carenado exposto no Museu Martins Sarmiento com a indicação de ter sido recolhido em Vila Boa de Quires (Est. I 2) <sup>(27)</sup>. É de excelente fabrico mas comum aspecto de conjunto distinto o das cerâmicas cinzentas aqui tratadas <sup>(28)</sup>. Nenhum tem contexto. O terceiro caso é um vaso carenado, com três lances, encontrado no Castelo de Faria num estrato que forneceu cerâmica da Idade do Ferro do Noroeste <sup>(29)</sup>.

Se passarmos o Douro para sul encontramos já abundante cerâmica cinzenta pré-romana em Romariz (Vila da Feira) <sup>(30)</sup> e noutros povoados da zona <sup>(31)</sup>. É o caminho que nos conduz a Conimbriga e a outras estações do centro do país.

Torna-se portanto significativo que, havendo vários povoados da Idade do Ferro do Noroeste escavados, não haja nos museus cerâmica cinzenta antiga, situação confirmada por escavações recentes em que este material é inexistente. Parece por conseguinte que a cerâmica cinzenta, não tendo raízes locais, chega ao Noroeste no início do império com padrões já elaborados e uma técnica de fabrico que se afasta claramente das aqui existentes.

Os ensinamentos de Monte Mozinho, na área escavada, são de que a cerâmica cinzenta chega a este povoado pelo fim do primeiro quartel do séc. I d. C, ainda numericamente pouco significativa e tão distinta da cerâmica local como é a sigillata achada ao seu lado. Ambas seriam

<sup>(25)</sup> José de Pinho, *A necropole galaico romana do Mósinho*, Penha Fidelis II, Penafiel 1931 págs. 14-15.

<sup>(26)</sup> idem, págs. 58 e segs.

<sup>(27)</sup> Estava exposto na vitrine 6 do Museu Martins Sarmiento, acompanhado de fragmentos romanos e medievais, com a mesma proveniência.

<sup>(28)</sup> Apesar de não parecer o caso, é necessária certa precaução para não confundir as cerâmicas alto-imperiais com outras, de fabrico semelhante mas formas diversas, achadas no Noroeste e possivelmente alto-medievais.

<sup>(29)</sup> É para já exemplar único num povoado em que se recolheram centenas de fragmentos de várias épocas.

<sup>(30)</sup> Esta cerâmica foi recolhida em antigas escavações e volta a estar presente em trabalhos recentes.

<sup>(31)</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *O castro de Fiães*, Revista da Faculdade de Letras. Série Histórica II Porto 1971, pág. 164

reflexo da atracção por produtos foraneos, as louças finas de mesa, no caso da cinzenta vasos de beber ou conter líquidos, preenchendo o vazio deixado pela quase inexistência de paredes finas, vidros e vasos metálicos.

Mas se a tradição não parece local, supomos que foi aprendida e adoptada por um ou vários centros de produção que espalharam e vulgarizaram os seus produtos em toda a região, não sabemos ainda com que intensidade e duração, aproveitando a moda corrente no mundo romano<sup>(32)</sup>.

É ainda Mozinho que nos diz terem as louças comuns sofrido intensa romanização durante o séc. I d. C. chegando à época flávica já integradas nos padrões romanos, o que implica profundas mudanças nos hábitos de cozinha e mesa<sup>(33)</sup>. O caso da adopção de vasos de beber cinzentos finos, com fundos que mais parecem pés altos, tendo por vezes marcas, e com decorações roletadas não é único. Também as cerâmicas locais se adaptaram à nova moda e as importações aumentaram, mostrando nesta matéria, ainda em grande parte por estudar, um aspecto do multifacetado problema que constitui a aculturação produzida pelo contacto, cada vez mais intenso, do Noroeste com o mundo romano.

## ANEXO I

Catálogo sumário dos vasos ilustrados não provenientes de Monte Mozinho.

### 2 — *Necrópole de Canelas, Penafiel*

—Copo de perfil em S com fundo alto ligeiramente côncavo. Pasta muito fina, bem cozida, superfície cinzenta brunida Museu Municipal de Penafiel (Est. K ^ ^)

—Púcaro com bordo côncavo, ombros rectos invasados e pança de perfil elipsoide com sulcos e uma asa de fita que arranca do bordo para a pança. Pasta fina cinzenta esbranquiçada, superfícies cinzentas com leves manchas. Alisado mas sem brilho, tem decoração brunida de linhas verticais sobre o colo. Museu Municipal de Penafiel (Est. IX 1).

### 3 — *Necrópole de Duas Igrejas, Penafiel*

—Púcaro de perfil em S com um toro a marcar o início da pança e uma canelura a rematar a decoração. O fundo é alto e liso e a asa da secção sub elíptica arranca do bordo para a pança. Pasta esbranquiçada com superfície muito manchada porosa e sem brilho. Decoração brunida leve com linhas quebradas sobre o colo e oblíquas sobre a alta pança. Museu Municipal de Penafiel (Est. IX 3).

### 4 — *Necrópole de Marecos, Penafiel*

—Púcaro de perfil em S, incompleto, com uma canelura a marcar o início da pança. Fundo baixo côncavo e com sulco. Restos do arranque de uma asa. Pasta amarela fina com superfícies negras macias. Decoração brunida de linhas oblíquas sobre o colo e a pança, acrescidas de um meandro quasi no fim da decoração. Grafito raspado na pasta cozida L AN M, repetido duas vezes. Museu Municipal de Penafiel (Est. IX4).

<sup>(32)</sup> Jorge de Alarcão, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra 1974, pág. 88.

<sup>(33)</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Escavações no Monte Mozinho 11 1975-1976*, Penafiel 1977, págs. 16 e segs.

5 — *Vila Boa de Quires, Marco de Canavezes.*

— Fragmento de vaso com sobrelanço recto levemente invadido e carena bem marcada. Pasta cinzenta fina homogénea, boa cozedura. Superfícies escuras alisadas horizontalmente. Decorado com reticulado brunido no sobrelanço. Museu Martins Sarmiento, vitrine 6. (Est. II. 2).

6 — *Povoado do Padrão, Monte Cordova, Santo Tirso.*

— Bordo de Púcaro com ressalto a marcar o início da pança. Pasta acinzentada com superfície, macia mais escura. Decoração de linha quebrada brunida sobre o colo. Museu Municipal Santo Tirso (Est. X. 1).

— Pança de púcaro com arranque de uma asa. Pasta bege com decoração brunida leve de linhas verticais finas, na alta pança. Museu Municipal Santo Tirso (Est. X 2).

— Púcaro de perfil em S com um toro a marcar o início da pança e uma canelura no fim da decoração. Fundo alto liso côncavo. Pasta acinzentada, superfície exterior negra e com fuligem. Decoração brunida leve de linhas quebradas sobre o colo e paralelas sobre a pança. Museu Municipal de Santo Tirso (Est. X 4).

— Púcaro de perfil em S com toro e canelura a marcar o início da pança e duas caneluras no fim da decoração. Pasta cinzenta com superfície cinzenta, macia. Decoração brunida de linha quebrada sobre o colo e paralelas sobre a pança. Museu Municipal de Santo Tirso (Est. X 3).

— Baixa pança e fundo alto facetado e côncavo. Pasta cinzenta clara, superfície exterior manchada. Deixa perceber marcas de corte com corda. Museu Municipal de Santo Tirso, (Est. X 5).

— Bojo do púcaro de perfil em S com um toro a marcar o início da pança e uma canelura no fim da decoração. Arranque de uma asa de secção elíptica. Pasta cinzenta clara com superfície alisada e decoração brunida de linhas paralelas verticais sobre a alta pança. Museu Municipal de Santo Tirso (Est. X 6).

— Bojo idêntico ao anterior com paredes menos envasadas e de maior diâmetro. Museu Municipal de Santo Tirso (Est. X 7).

— Copo (?) de perfil em S com uma canelura a marcar o início da pança. Pasta cinzenta fina, superfícies cinzentas claras, ásperas. Decoração brunida de linhas paralelas verticais sobre o colo e bojo, rematando com meandro horizontal. Museu Municipal de Santo Tirso (Est. X 8).

7 — *Necrópole de S. Tomé de Abação, Guimarães.*

— Pote de bordo obliquo envasado, colo recto envasado, pança esférica e fundo baixo plano cortado com corda. Pasta esbranquiçada porosa, superfície cinzenta com manchas amareladas, sem brilho. Museu Martins Sarmiento, armário C 21 (Est. XII 2).

8 — *Necrópole de Santa Cristina de Longos, Guimarães.*

— Unguentário (?). Bordo esvasado e pança alongada, elíptica com fundo baixo côncavo cortado com corda. Pasta granulosa, superfícies porosas, alisadas mas pouco macias. Museu de Martins Sarmiento, armário B 25 (Est. XII 1).

9 — *Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães.*

— Grande púcaro de bordo côncavo com uma canelura no exterior e bojo esférico. Uma asa de fita com canelura central arranca de debaixo do bordo para a pança. Talvez tivesse duas asas. Pasta cinzenta esbranquiçada, com desengordurante visível. Interior por alisar e exterior alisado apenas na área da decoração. Decoração brunida, em espinha, sobre a pança. Museu Martins Sarmiento, vitrina 4 (Est. XI 1).

—Parte baixa de um púcaro com fundo alto côncavo e restos de uma asa. Pasta idêntica ao interior, superfície cinzenta escura, decoração brunida de linhas paralelas oblíquas sobre a parte alta da pança carenada. Museu Martins Sarmiento, vitrina 5 (Est. XI 2).

—Púcaro de bordo oblíquo com uma canelura no exterior, pança carenada e fundo baixo côncavo. Pasta idêntica ao anterior e decoração brunida sobre a parte alta da pança com zona de linhas paralelas verticais seguida da outra com linhas paralelas oblíquas. Museu Martins Sarmiento, vitrina 5 (Est. XI 3).

—Púcaro de perfil em S com um toro a marcar o início da pança e uma canelura no fim da decoração. Tem uma asa de fita com canelura central. Pasta idêntica às anteriores, superfície cinzenta clara porosa, decoração brunida de linhas paralelas sobre a alta pança. Museu Martins Sarmiento, vitrina 4 (Est. XI 4).

#### 10—*'Povoado de Faria, Gilmonde, Barcelos,*

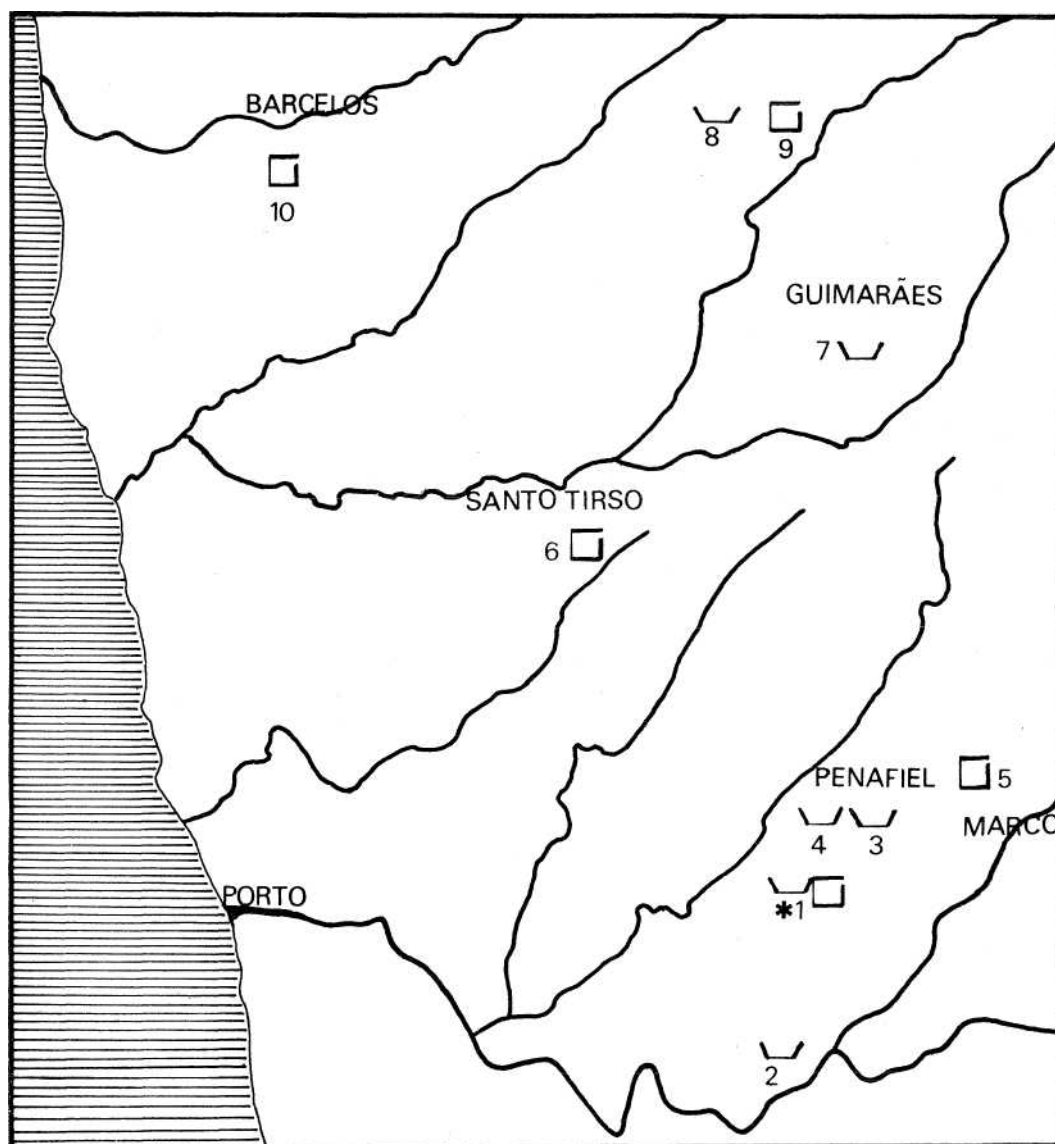
—Taça carenada com três lanços. Pasta fina cinzenta clara, superfícies com alisamento horizontal em listas bem marcadas, (Est. I 3).

#### *Sem procedência, no Museu de Etnografia do Porto.*

—Tigela de copa provavelmente hemisférica e bordo levemente contra curvado. Pasta cinzenta fina, superfície exterior com alisamento horizontal marcado (Est. I 1).

—Unguentado (?) com colo esvasado, bordo virado para o exterior. Pança alta elíptica e fundo baixo mostrando ter sido cortado com corda. Pasta acinzentada clara fina e homogênea. Superfície exterior cinzenta alisada horizontalmente (Est. XII 3).

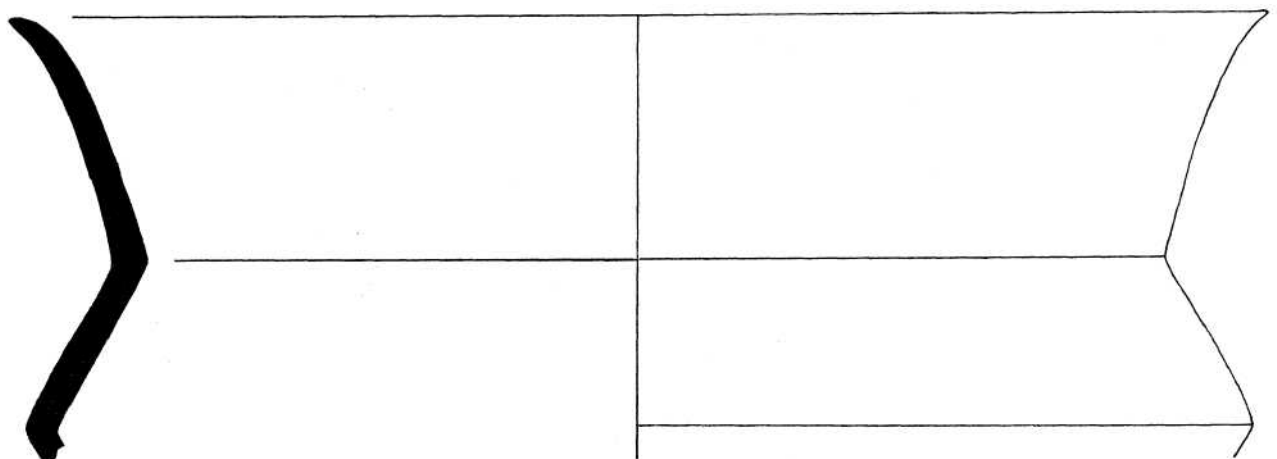
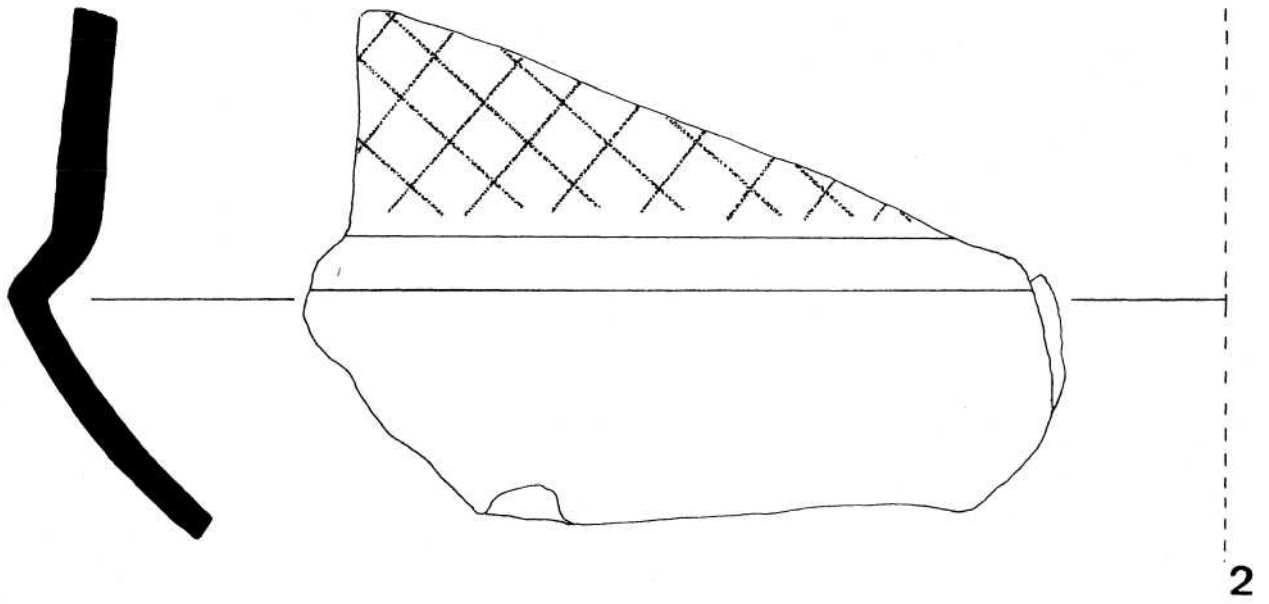
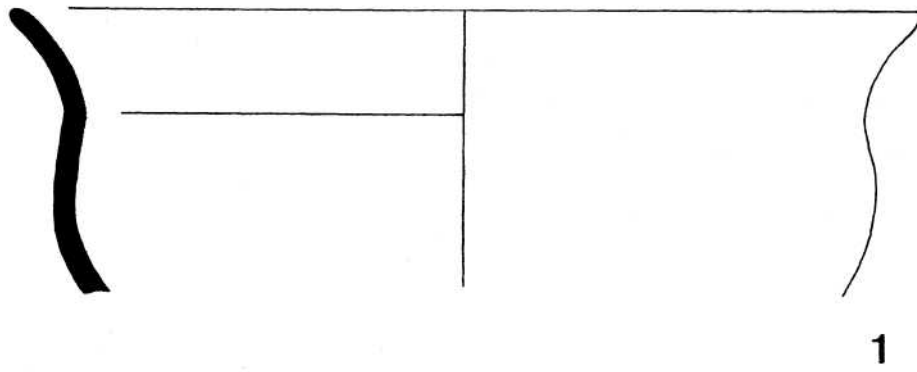
—Jarrita de bordo recto, esvasado, pança elíptica e fundo alto plano, muito saliente, mostrando ter sido cortado com corda. Superfície cinzenta, com manchas, alisada horizontalmente no exterior e interior do bordo (Est. XII 4).

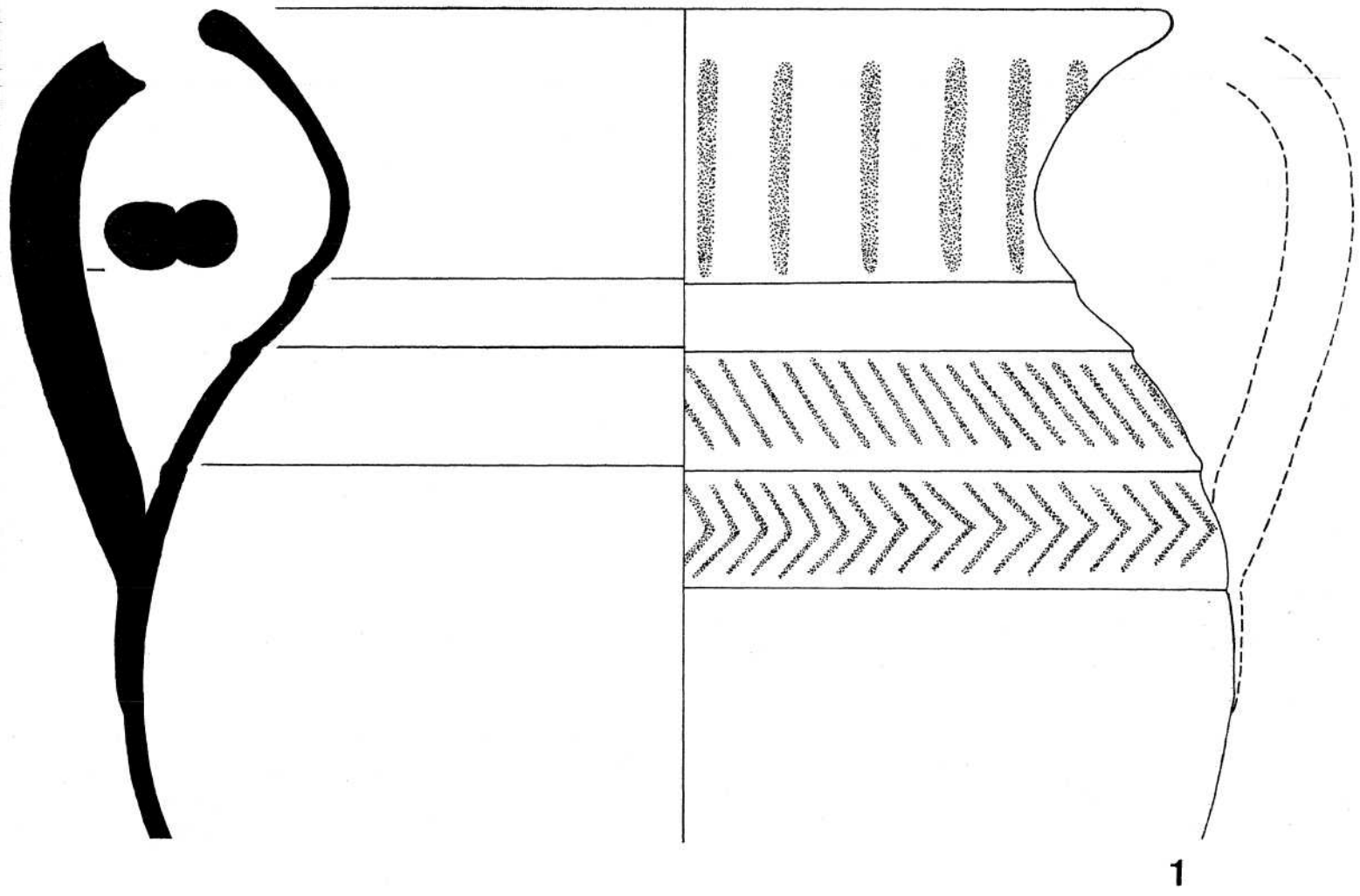


Estações de onde provem o material ilustrado (\*).

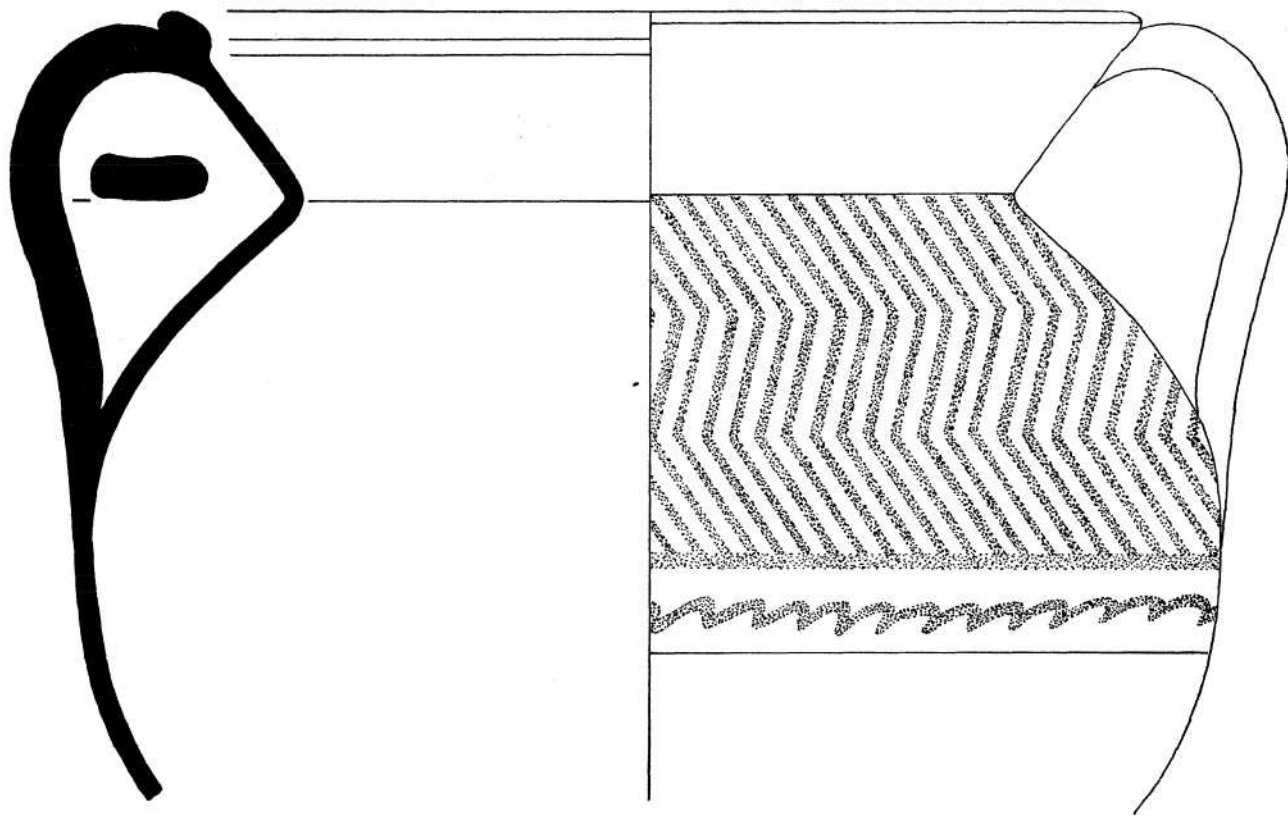
- 1 — Povoado e necrópole de Monte Mozinho (Oldrões, Penafiel).
- 2 — Necrópole de Canelas (Penafiel).
- 3 — Necrópole de Duas Igrejas (Penafiel).
- 4 — Necrópole de Marecos (Penafiel).
- 5 — Povoado de Vila Boa de Quires (Marco de Canavezes).
- 6 — Povoado do Padrão (Monte Córdoba, Santo Tirso).
- 7 — Necrópole de S. Tomé de Abação (Guimarães).
- 8 — Necrópole de Santa Cristina de Longos (Guimarães).
- 9 — Povoado de Briteiros (S. Salvador de Briteiros, Guimarães).
- 10 — Povoado de Faria (Gilmonde, Barcelos).

(\*) Chamamos a atenção de que localizamos apenas as estações cujo material ilustramos e não todas as referidas no texto ou as existentes.

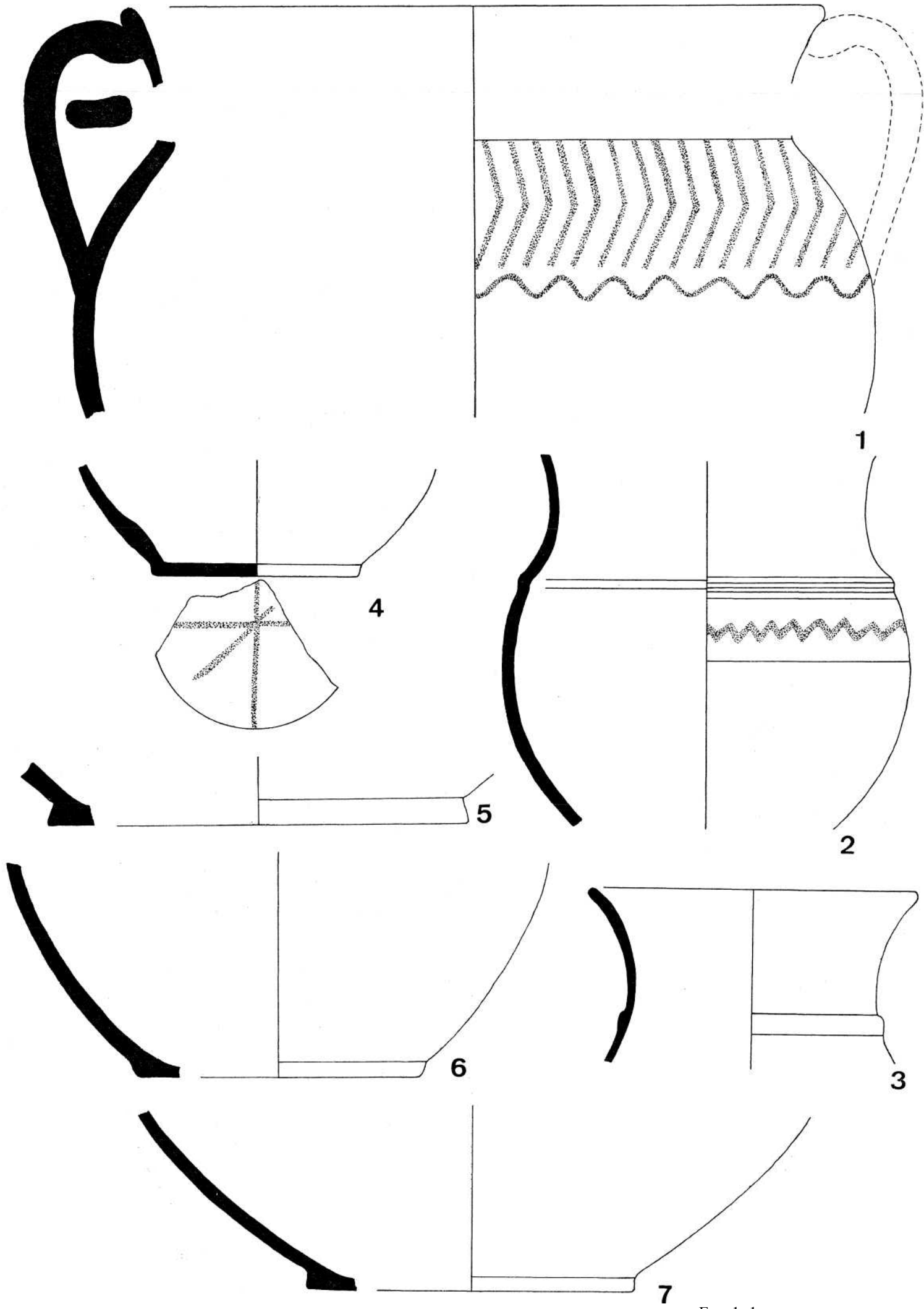




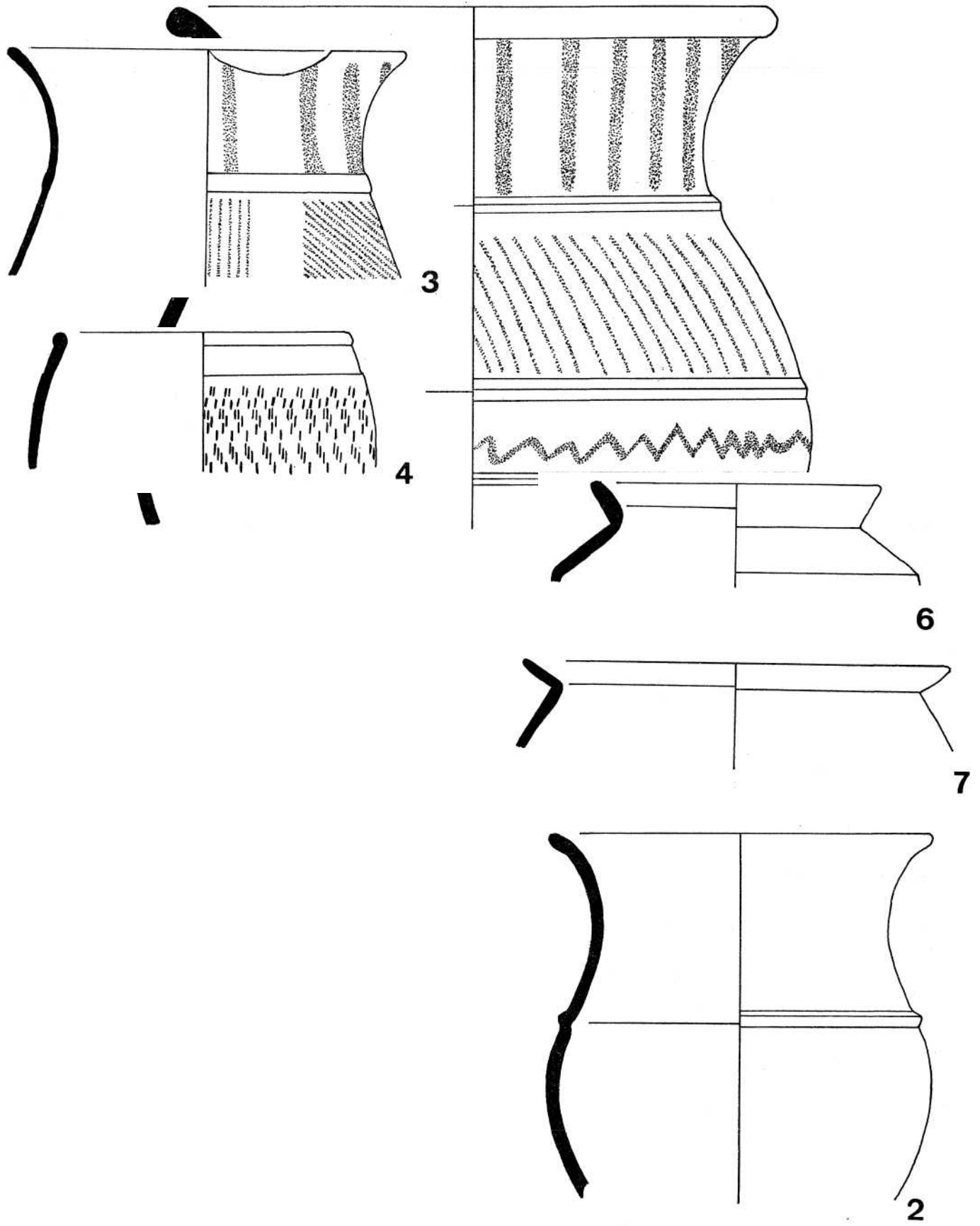
1

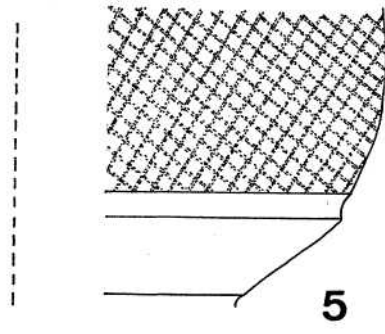


Esc. 1:1

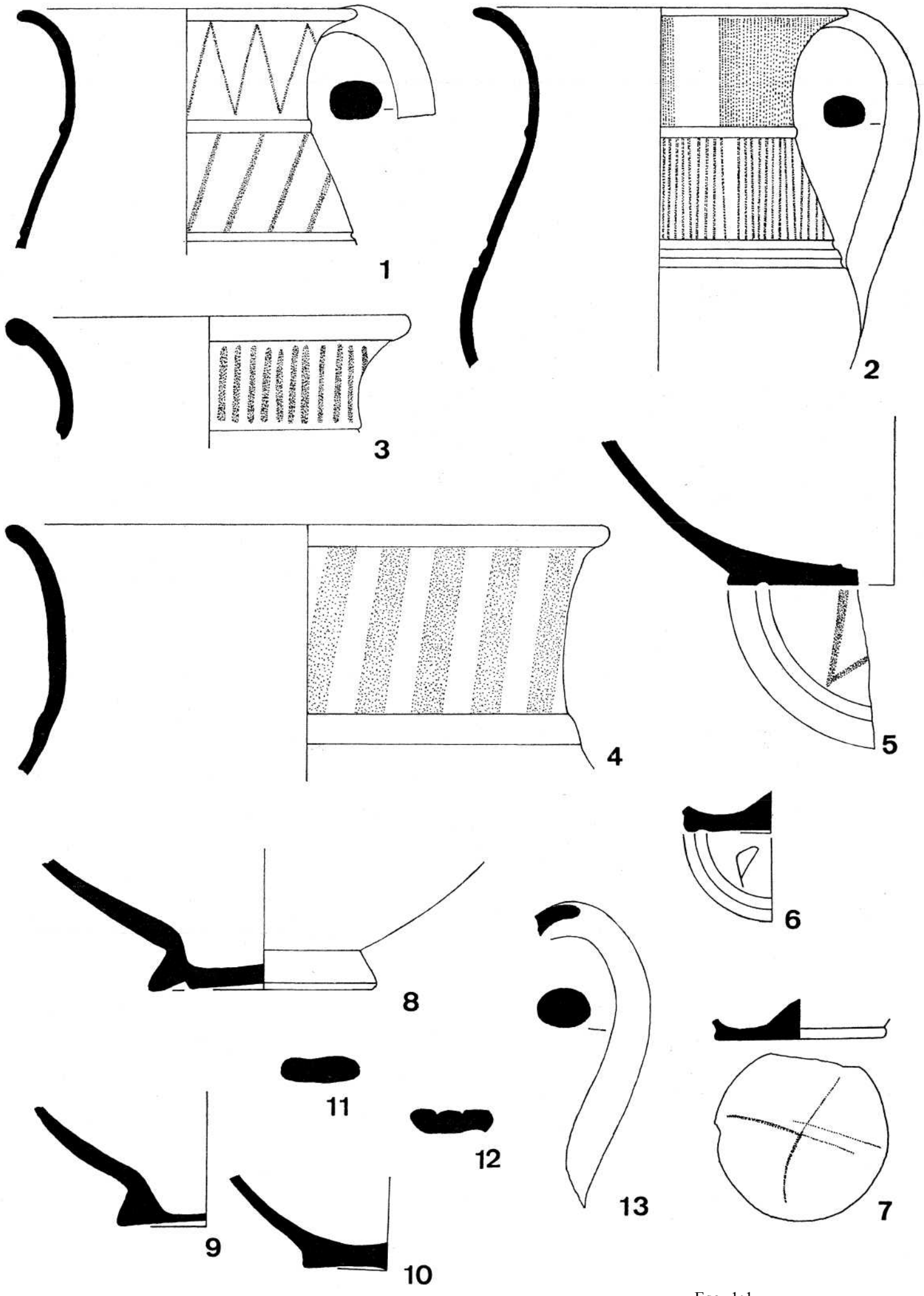




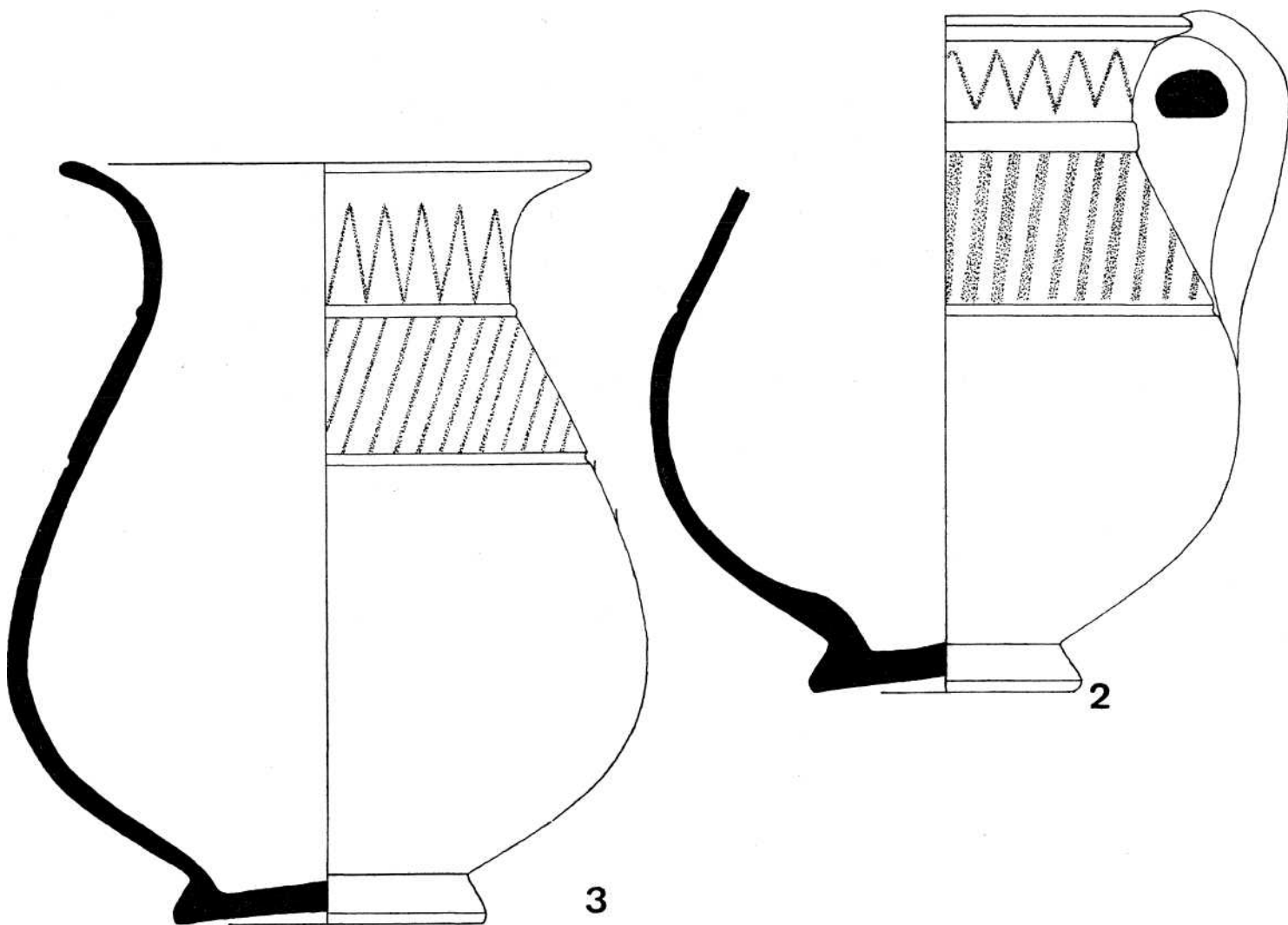
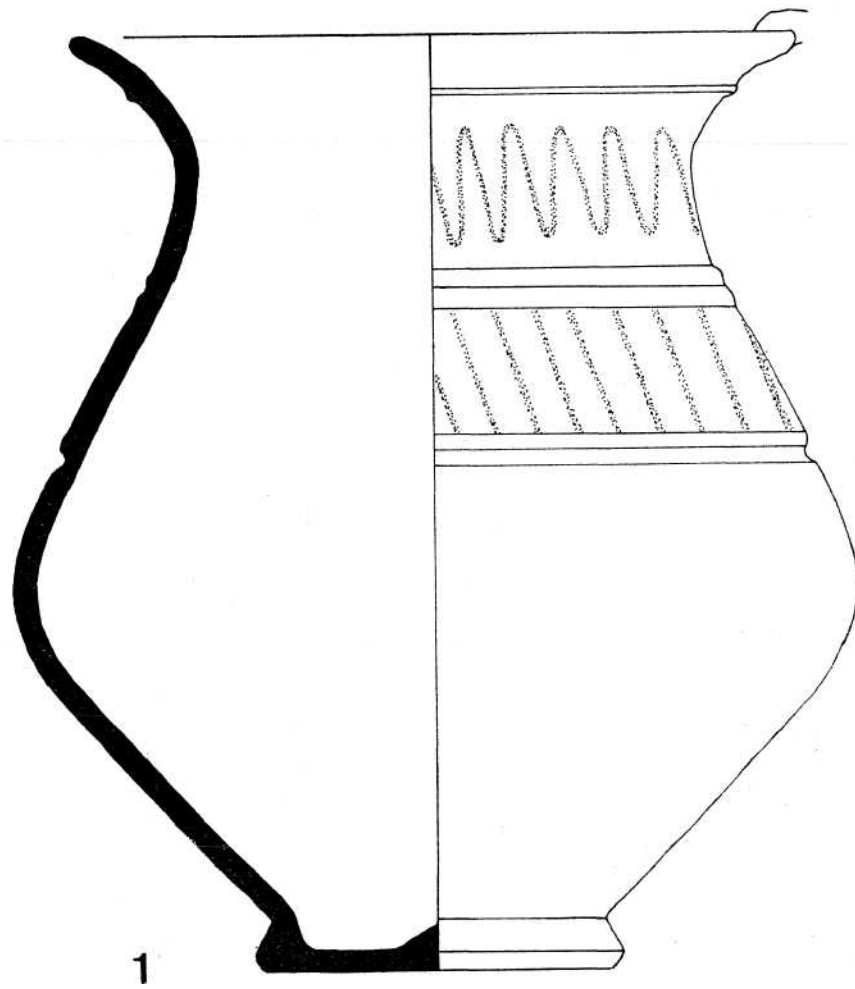


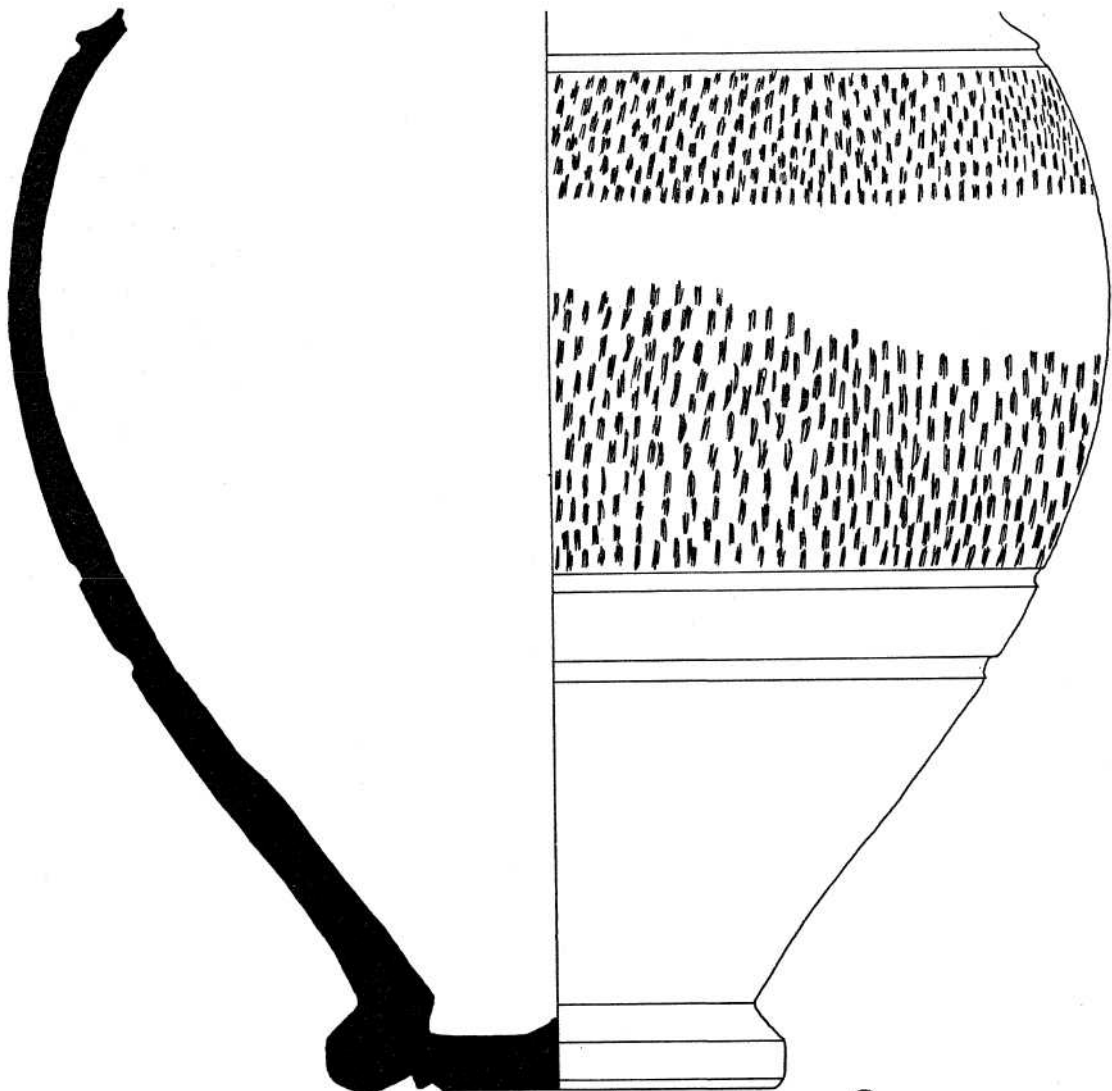
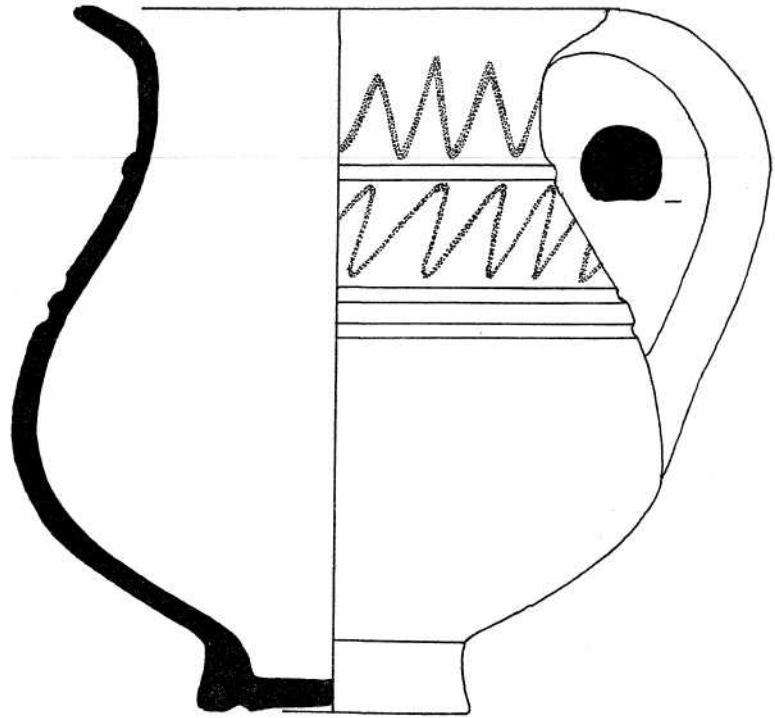


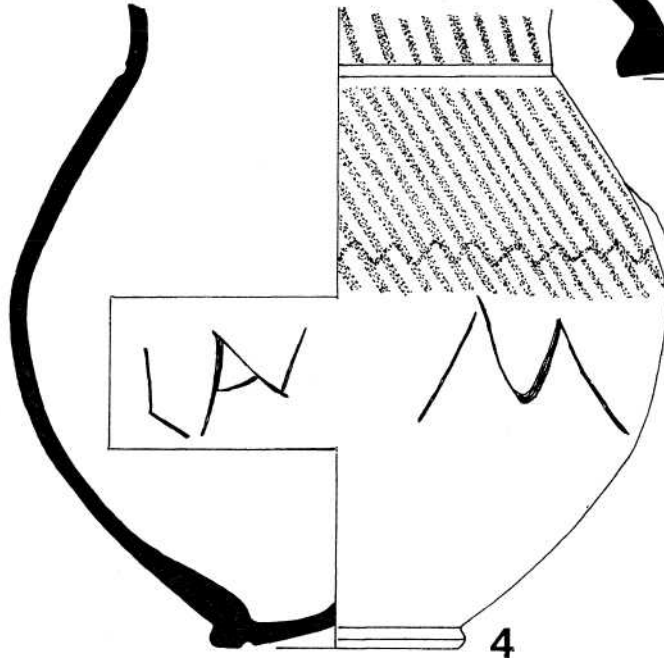
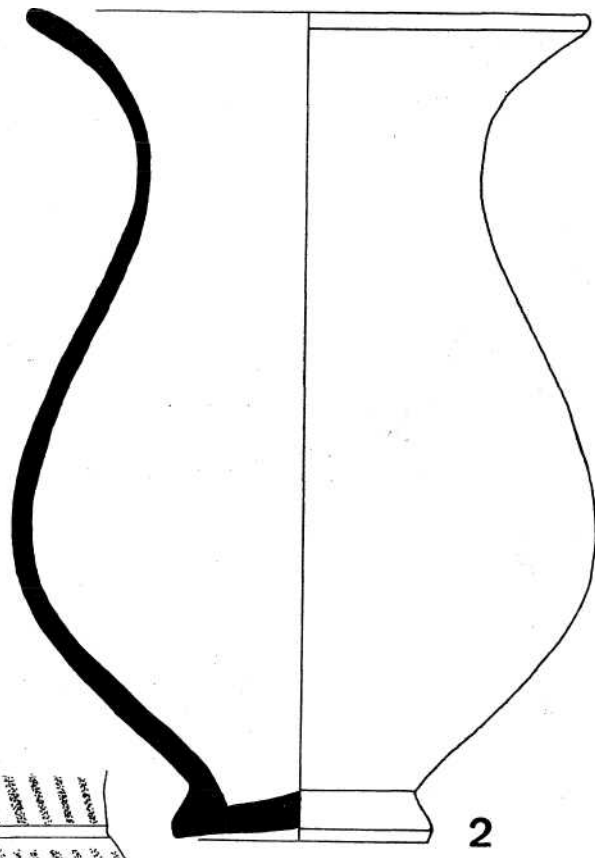
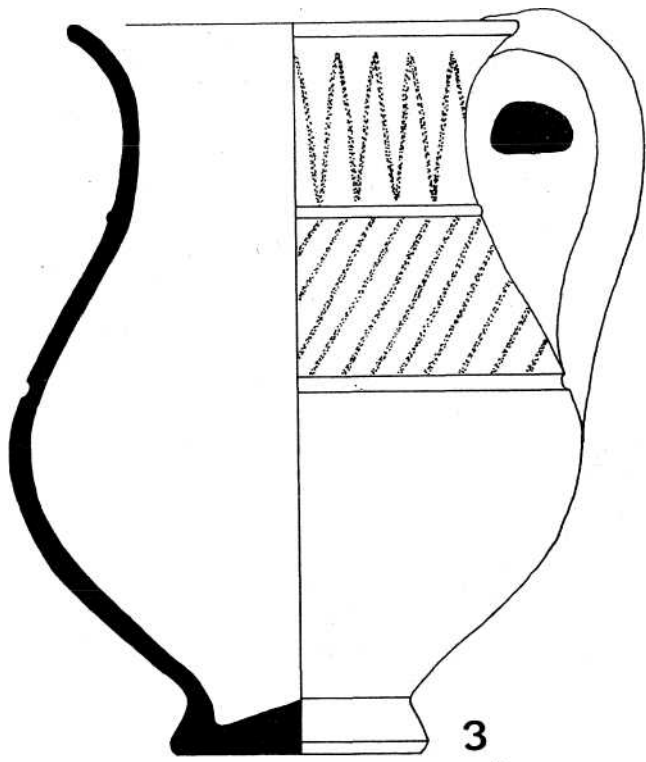
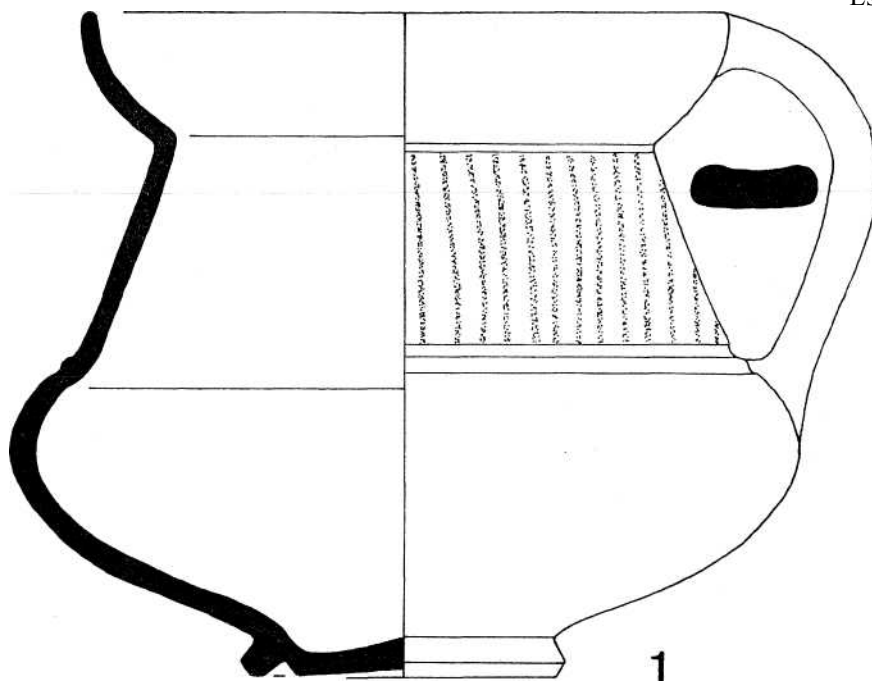
Esc. 1:1



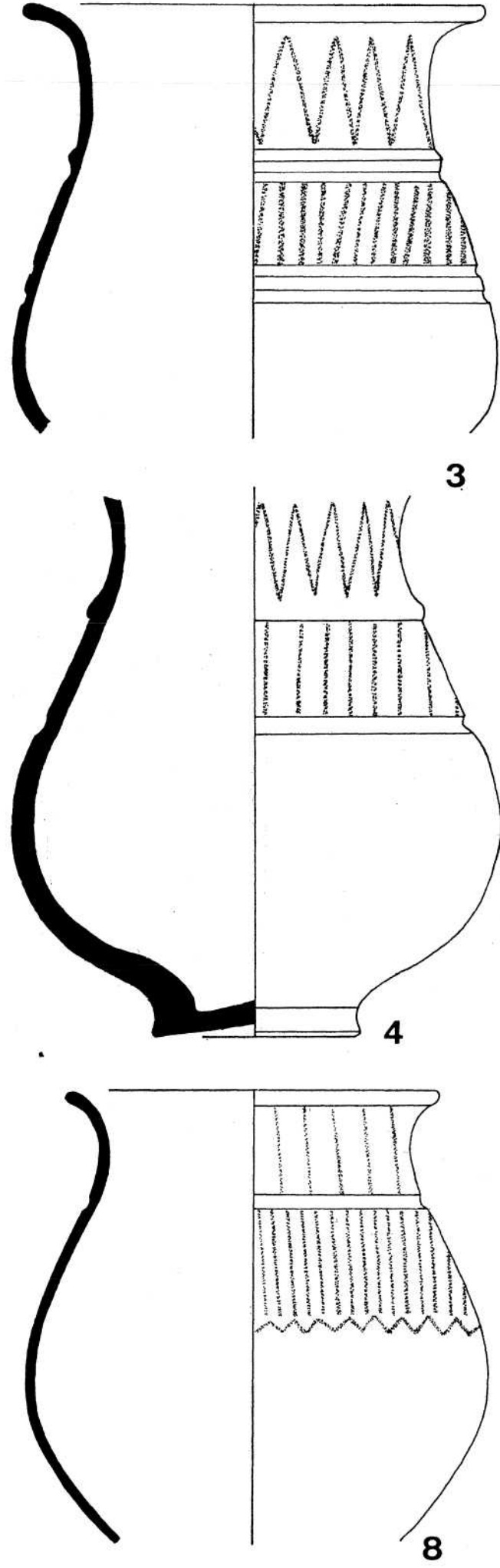
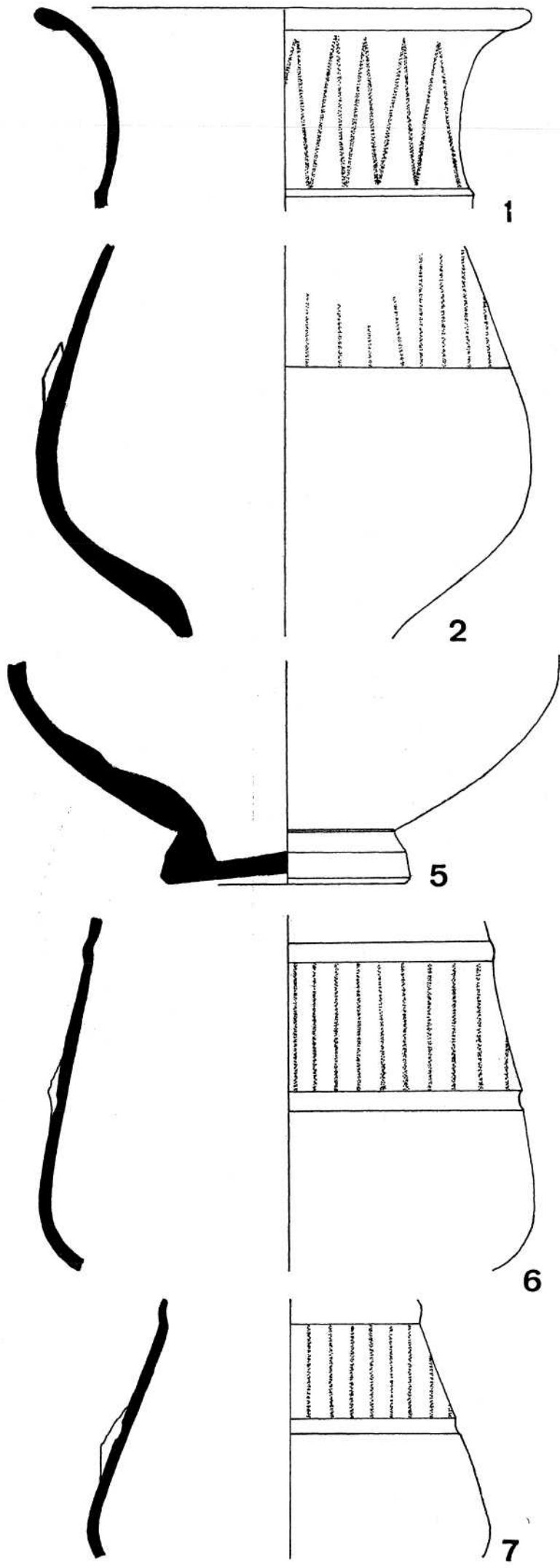
Esc. 1:1



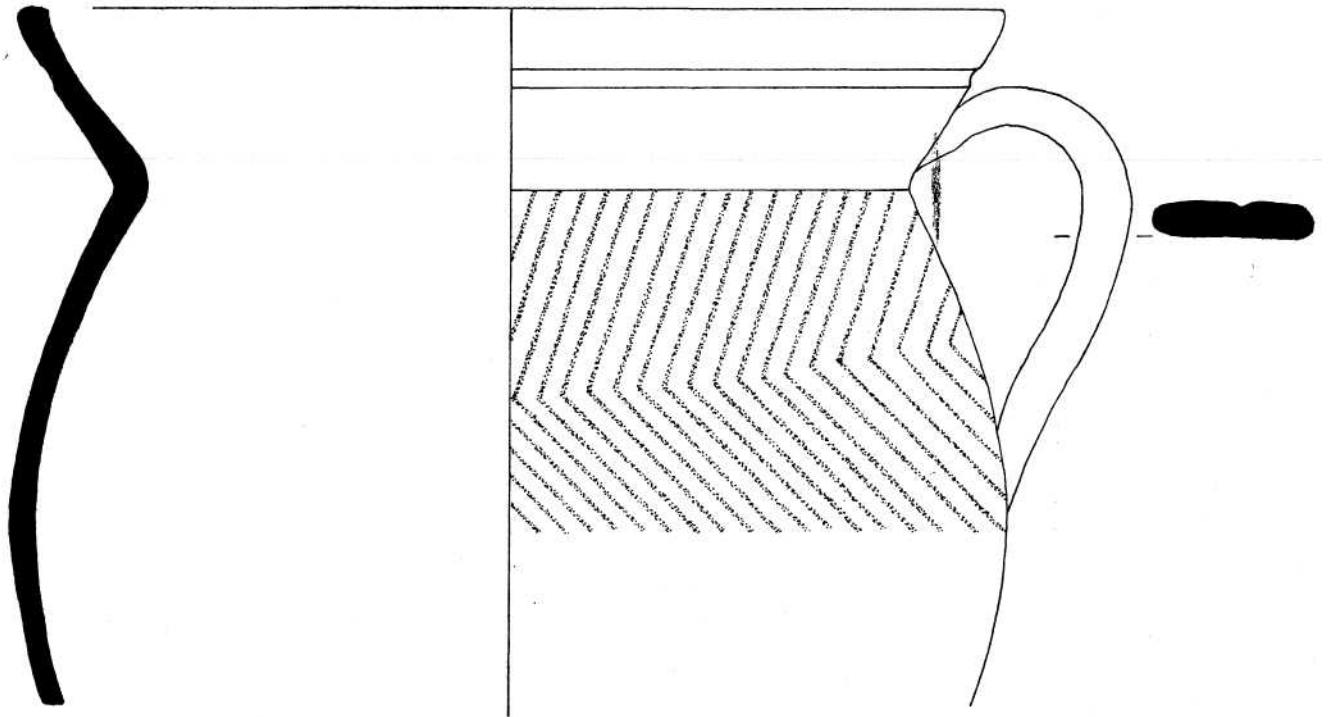




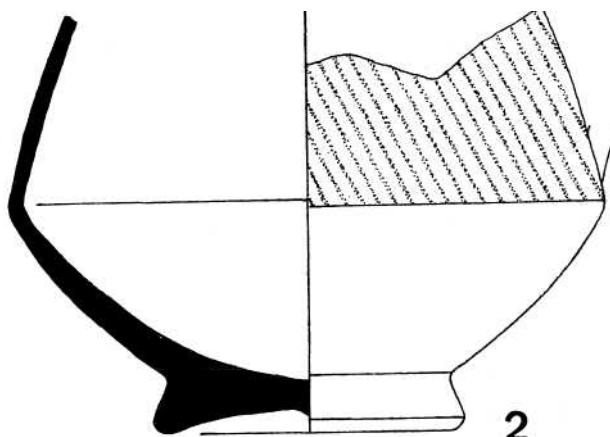
Est. X



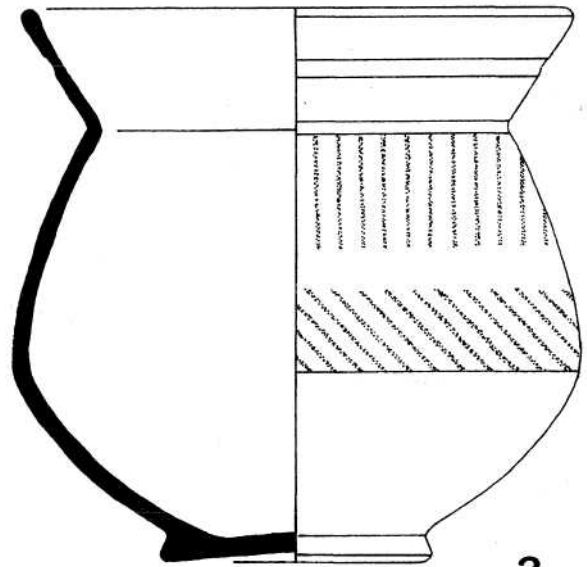
Esc. 1 : 1



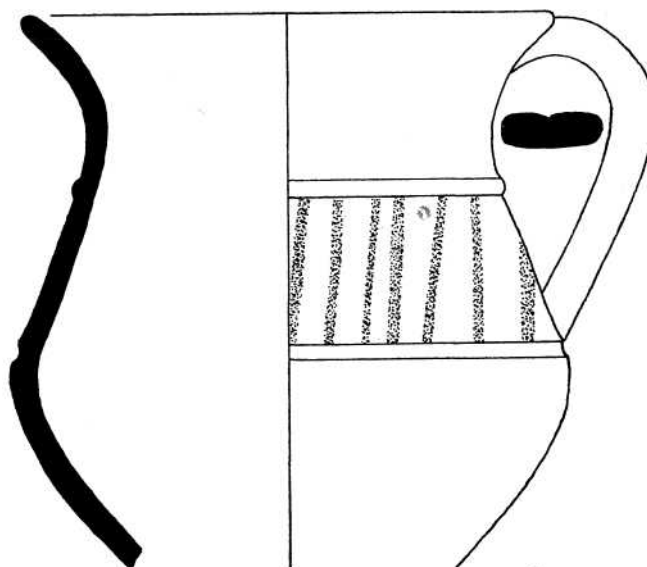
1



2



3



4



